Multiplicar com qualidade

Como discipular e desafiar outras pessoas a fazer o mesmo?

Josadak Lima

Série Discipulado para uma nova realidade

4

Discipulado para uma nova

4

Multiplicar com Qualidade

Como discipular e desafiar outras pessoas a fazer o mesmo?

Josadak Lima
Multiplicar com Qualidade

Como discipular e desafiar outras pessoas a fazer o mesmo?
1ª edição
São Bernardo do Campo - SP - 2016
Copyright
© 2016, Josadak Lima
Direios cedidos à Associaçâo da Igreja Metodista e Publicado pelo Departamento Editorial da Igreja Metodista - Angular Editora.

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito do autor.
A violação dos Direitos Autorais (Lei n.º 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal

Secretaria Editorial Joana D'Arc Meireles Capa
Fabio Nelson Marchiori Diagramação Alexandre Paes Dias Revisão Celena Alves
Lima, Josadak.

Multiplicar com Qualidade - Como discipular e desafiar outras pessoas a fazer o mesmo? Volume 4 – São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2016.

p. 56
ISBN: 978-85-8046-043-8 1. Discipulado. 2. Missão. 3. Liderança

Sumário

Capítulo 1
O princípio da relação de ajuda personalizada 11
Capítulo 2
Encorajando as pessoas a viverem com propósito 19
Capítulo 3
Deixando o discipulado como legado espiritual 25
Capítulo 4
Influenciando pessoas para toda a vida 33
Capítulo 5
Discipulando qualquer pessoa em todo o tempo 41
Capítulo 6
Formando facilitadores da maturidade espiritual 49

Apresentação

MULTIPLICAR COM QUALIDADE – Como discipular e desafiar outras pessoas a fazer o mesmo? Visa auxiliar quem discipula no processo da multiplicação de discípulos e discípulas, a partir da compreensão do trabalho de Barnabé discipulando Paulo.

A reflexão parte da comunidade – como espaço de comunhão fraterna, de serviço e testemunho – para enfatizar o princípio da multiplicação, oferecendo perspectivas na identificação de pessoas comprometidas a estabelecer uma relação de ajuda que se reproduza.

Esta obra não pretende nada mais do que ser uma ferramenta nas mãos de quem discipula, ajudando-os a serem formadores de discípulos e discípulas capazes de desafiar outras pessoas a fazer o mesmo e, assim, desempenhar, da melhor maneira, sua missão.

Josadak Lima **Pastor Metodista da Sexta Região Eclesiástica**

Capítulo 1 O princípio da relação de ajuda personalizada

Não é possível caminhar com excelência no discipulado sem dar atenção personalizada às pessoas enquanto caminhamos com elas. O trabalho de quem discipula consiste, basicamente, em levar a pessoa a uma autonomia sob a direção do Espírito Santo, para que compreenda, na prática, como agir, santa e retamente, no relacionamento com Deus e com o próximo. Relacionamentos sadios formam uma consciência sadia, adulta e madura.

Nesta relação, além de evitar emitir juízos taxativos, quem discípula deve manter sigilo daquilo que ouve. Deve evitar todo tipo de exagero. É muito comum depois de ganhar confiança, que se gere mútua discrição e moderação, pois estes são princípios sábios no acompanhamento de discípulos. Existe uma ética de relacionamento que deve ser respeitada para não prejudicar a caminhada.

Quem discipula, em nome da vida, não teme ser ele mesmo diante das pessoas. Mesmo que isto, para alguns venha "parecer" incoerência, ou falta de ser politicamente correto. Neste sentido, talvez, a maior descoberta que fiz recentemente, foi o reconhecimento da importância das pessoas em minha vida. Pessoas que se importam com meu ser e não com o que posso fazer por elas.

Perfil do maior discipulador depois de Jesus Cristo

Conheci o conceito do "maior discipulador depois de Jesus Cristo", a mais de vinte anos e fiquei impressionado. De lá para cá tenho encarado isso como um grande desafio, pela forma como aprendi acerca da pessoa de Barnabé.

A pessoa de Barnabé se confunde com as virtudes da bondade, compaixão, paciência etc. Certamente, "José, um levita de Chipre" recebeu o apelido de Barnabé ("filho da consolação" - encorajador - ou "a pessoa que caminha lado a lado") em função de ser alguém de presença confortadora, que possui uma maneira séria e desprendida de se dedicar às pessoas. Perfil como este não se forma da noite para o dia, nem é pré-fabricado, mas se constrói enquanto se faz o caminho e se clareia o ideal da vida no seguir a Jesus.
A igreja do primeiro século enfrentava naqueles dias uma série de perseguições. Muitos cristãos passavam por grandes dificuldades, mas, além do Espírito Santo, eles contavam com Barnabé, um encorajador de plantão, que dava atenção especial aos seguidores de Jesus, os quais se sentiam

acolhidos e amados; identificados com o seguimento de Jesus.

Barnabé era um judeu helenista, nascido fora da Palestina, em Chipre, uma ilha do mar Mediterrâneo. Homem rico, possuidor de propriedades e ainda trazia na bagagem sua herança levita - a tribo dos sacerdotes. Tornou-se um dos importantes líderes da igreja.

3 *6José, um levita de Chipre a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé, que significa* ***encorajador****, [...] 37vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos.* (Atos 4.36-37) (grifo meu).

Com efeito, o destaque destes versículos é o termo “encorajador”, que descreve alguém de nome José, que deixou de ser chamado assim, devido ao seu estilo de vida revelado no hábito de estar ao lado das pessoas, como encorajador de plantão. Os apóstolos não encontrariam outro “apelido” que se adequasse tanto a este levita, natural de Chipre.

Necessidade de “Barnabés” na Igreja contemporânea

Barnabé aparece no cenário bíblico como um exemplo concreto de um discipulador competente na igreja primitiva. Comparando com Ananias e Safira, Barnabé é o contraste da hipocrisia deles. Observe, no texto de Atos 5.1-10, o comportamento de Ananias e Safira, totalmente contrário, ao de Barnabé: ele “trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos” (At 5.2), sem nenhuma barganha ou conotação política.

Com base nisto, podemos até dizer que: a fidelidade de um líder é medida de acordo com a entrega que ele faz a Deus, seja aquilo do que ele é ou do que tem. Algo que Ananias e Safira não fizeram.

A designação “filho da consolação” acerca de Barnabé caracteriza sua boa liderança e reflete sua vida espiritual que, por ser um discipulador, esboçava compromisso não somente para o hoje, mas a médio e longo prazo. Não se tratava de um discipulado quantitativo, mas qualitativo.

A semelhança de Barnabé convém-nos discipular para a vida, para descobrir a verdadeira espiritualidade. Assim, aos poucos vamos adquirindo confiança e nos abrindo à ação de Deus.

Barnabé nos mostra como devemos acolher, amar e respeitar a dignidade de uma pessoa, oferecendo alimento substancioso, segundo a etapa espiritual em que se encontra. Levá-la a vivenciar a vida de discípulo por meio da comunhão, da participação, da adoração e do aprofundamento na Palavra de Deus: comunhão com Deus e com a comunidade dos fiéis.

Não há dúvidas que o encorajamento como identificado em Barnabé tem a força de nos ajudar a vencer a dor do cotidiano, as adversidades que inundam nosso coração com certa frequência desestabilizadora. Embora o encorajamento possa até ser realizado via telefone, e-mails etc., a melhor forma será, no entanto, sempre pessoal, olhos nos olhos, como relação de ajuda personalizada.

Todos nós sabemos que falamos muito mais com o olhar e com os gestos do que com as palavras. “Jesus olhou para ele com amor e disse...” (Mc 10.21). Quem discipula precisa aprender “ouvir” não somente as palavras, mas também o silêncio. Não se deve dar respostas prontas, mas levar a pessoa a refletir e meditar no silêncio do coração, para ouvir a Deus.

Muitos de nós, ao olhar para trás, percebemos que, em alguns momentos, faltaram “Barnabés” em nossa caminhada. Alguém que partilhasse o mesmo jugo que nós, que ficasse ao nosso lado somente para nos ouvir, sem a intenção de nos dar receitas prontas. Eu acredito, de todo coração, que o “caminho” para encontrar o coração paterno de Deus passa pelo meu irmão. Mas, às vezes, esse irmão não aparece, ou insiste em ficar distante... e o pior é que suas justificativas, tais como: não quero me envolver, ou não quero atrapalhar; são anticristãs.

Por outro lado, temos de admitir que, às vezes, somos nós mesmos que não queremos nos envolver. Recentemente, conversando com alguém sobre o assunto de como se manter motivado, ele me disse: “O negócio é procurar melhorar a vida devocional ou aprender mais sobre meditação bíblica, gastando mais tempo a sós com Deus”. Falei para essa pessoa que isso é parte do processo, mas que eu conheço gente que faz tudo isso e ainda sente a necessidade de ter alguém de “plantão” para lhe encorajar e estimular - um “Barnabé”, um companheiro de jugo.

Onde estão os “Barnabés”? Deus está procurando os que são encorajadores

de plantão. Pessoas que, de um modo geral, deem notícias alentadoras à alma uns dos outros.

O verdadeiro discipulado desenvolve a arte de cuidar de pessoas dialogicamente

26 Quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele,não acreditando que fosse realmente um discípulo. 27Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus. 28As-

sim, Saulo ficou com eles, e andava com liberdade em Jerusalém, pregando corajosamente em nome do Senhor. (At 9.26-28).

Com efeito, Barnabé discipulava por meio de uma pedagogia sadia, ao apreço das pessoas e à prática da Palavra. O filósofo alemão Kant disse: “O homem pode tornar-se homem só por meio da educação”.

Semelhantemente, podemos afirmar que nos tornamos verdadeiros cristãos somente por meio da contemplação de Cristo e de modelos humanos de discípulos. Isto leva a manifestação concreta e real do evangelho encarnado; formação e educação para a vida.

A passagem acima indica a segunda menção de Barnabé no Novo Testamento (39 d.C.), onde aparece arriscando toda sua reputação e respeito, e talvez a sua própria vida, ao aliar-se ao recém-convertido, Saulo de Tarso, aquele de quem a igreja duvidava da sinceridade de sua profissão de fé e tinha um medo terrível dele.

Saulo vai à Jerusalém cerca de três anos depois de sua conversão, em busca de aprofundamento de seu projeto espiritual. Todo discípulo tem necessidade de conhecer sua própria identidade cristã, para prosperar seu presente e projetar seu futuro. Não seria isso que Saulo estava em busca?

Do ponto de vista humano, Jerusalém era o lugar mais perigoso que Saulo poderia visitar.A certeza de estar dentro da vontade de Deus, porém, permite que uma pessoa coloque de lado certas considerações da sua segurança.[1]

A fuga de Saulo de Damasco foi dramática e humilhante (2Co 11.32,33) e a sua recepção em Jerusalém foi gelada. Lucas diz que ao chegar a Jerusalém, Saulo queria apenas se entrosar na vida da igreja, mas como era de se esperar, ninguém, inclusive os apóstolos, acreditava na sua conversão e transformação. Mas, felizmente, Barnabé entrou em cena. Ele se torna para Saulo uma fonte de consolo e abrigo.

O discipulado praticado por Barnabé responde às exigências da fé, buscando se firmar numa formação espiritual saudável. Seu primeiro encontro de direção espiritual praticado com Saulo foi profundamente útil, com conselhos práticos que ajudaram o "recém-convertido" a aprender melhor a dinâmica do discipulado ou a experiência de fé como o elemento central da caminhada com o Senhor.
Ele estava lançando as bases para o futuro do pensador cristão daquela sociedade, que depois de formado na nova cultura do Reino de Deus, passaria a abordar com maestria as estratégias originais, fruto da revelação divina, que viria abalar o mundo e as crenças contemporâneas. Neste sentido, talvez a virtude mais importante do discipulador seja a paciência (longanimidade), unida a ternura e a uma exigência espiritual que não deixa o discípulo ou discípula se acomodar.

[1] MACDONALD, Willian. Comentário Bíblico Popular do Novo Testamento. São Paulo: Central Gospel, 2009, p. 361.

Esta dinâmica trás ao discipulado motivos suficiente para que se aprenda a pedagogia do Deus que poda, limpa e cuida, para que os ramos produzam frutos, frutos que permaneçam (Jo 15.16). Além disto, desperta no discípulo ou discípula um olhar atencioso ante todas as realidades e dimensões de nossa vida e uma escuta atenta das interpretações de Deus em sua história pessoal.

Esta dinâmica aponta para Jesus Cristo como o polo inspirador de um itinerário de fé capaz de responder com adequação aos desafios do cotidiano e que identifica a vida em comunidade como o grande espaço para o anúncio do Evangelho, com sua proposta de reproduzir a vida de Deus.

Neste processo, logo no primeiro encontro do discipulador com o discípulo é importante estabelecer a base dos encontros futuros. Na nossa prática do

discipulado, faz todo sentido os encontros serem periódicos. No início é muito fundamental definir, em consenso, a frequência desses encontros, que podem ser semanais, quinzenas, mensais e depois mais raros ainda.

No processo de discipulado se deve evitar emitir juízos ou críticas muito taxativas com relação à postura do outro. O encorajamento tem de ser como bálsamo para a alma afligida, que chora a dor da perda ou da decepção. Os "Saulos" perseguidos e rejeitados precisam de um lugar seguro, um porto seguro para ancorar a alma vítima das tempestades do cotidiano.

Este tipo de ajuda encorajadora também nos capacita a trabalhar com alegria, pois é o poder e o recurso divinos que nos mantém entusiasmado a continuar correndo a corrida que Deus nos propôs.

Portanto, a melhor forma de combatermos as influências desanimadoras das adversidades na vida de nossos companheiros de fé, é estar em contato com eles, estimulando-os com o nosso entusiasmo. O estímulo é um subproduto do encorajamento que só os "Barnabés" sabem comunicar.

Outro aspecto deste tipo de ajuda encorajadora que quero mencionar é que se estamos andando ao lado de alguém encorajado, nenhuma caminhada é demasiada longa e nenhuma adversidade invencível.
John Maxwell em seu livro, Como tornar-se uma pessoa de influência[2], apresenta seis dicas de como você pode tornar-se uma pessoa que cuida de outras naturalmente, como fez Barnabé com Saulo:

1) Comprometa-se com as pessoas – compromisso de ajudar as pessoas a mudarem suas prioridades e ações.
2) Acredite nas pessoas – dê a elas sua confiança e esperança.
3) Seja acessível às pessoas – não se pode cuidar de alguém à distância.
4) Dê sem esperar retribuições – se você precisar de algo das pessoas, não poderá liderá-las.
5) Dê oportunidade – a medida que as pessoas cuidadas por você se tornarem mais fortes, ofereça-lhes oportunidades adicionais.
6) Ajude as pessoas a alcançarem um nível mais alto – o seu objetivo deve ser levar as pessoas a alcançar o seu potencial máximo.

[2] MAXWELL, John. Como tornar-se uma pessoa de influência. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 71-72.

Capítulo 2 Encorajando as pessoas para viverem com propósito

"*Quem não sabe ouvir longa e pacientemente não entenderá o que a outra pessoa diz nem saberá o que lhe responder*."
(Dietrich Bonhoeffer)

É fundamental e indispensável que o discipulado vivenciado na igreja tenha origem em Deus, que se desenvolva num processo formativo da vida espiritual e que se relacione e se comunique com o Senhor e com as pessoas, abordando algo mais que as simples qualidades humanas.

Para que isto aconteça, o discipulado requer pessoas influenciadoras, pois influenciar pessoas implica em encorajamento; diz respeito a olhar as pessoas nos olhos para saber o que elas querem dizer.

Assim, o propósito da construção de um ambiente adequado para o estabelecimento e desenvolvimento de relações de ajuda, indica que as boas obras precisam ser feitas pelo simples fato de que, por meio delas se comunica o amor de Deus às pessoas que nos cercam.

O conteúdo essencial do discipulado prático, num itinerário para a formação espiritual, inclui o encorajamento que, também, implica em responsabilidade com o outro, com o pressuposto de liberdade em seu projeto de crescimento. Aliás, na vida cristã, a liberdade só subsiste na responsabilidade.

Na responsabilidade se realiza uma tensão criativa entre duas realidades: obediência e liberdade. A autonomia de uma delas constitui o fim da responsabilidade. Ora, uma ação responsável é tanto comprometida como criativa.

O desafio de discipular "pessoas difíceis"

A proposta do discipulado bíblico orienta-se mais para transformação via relacionamentos do que para a informação teórica. Tal como Jesus, o propósito básico do discipulado de Barnabé consistiu numa relação de ajuda.

Em Atos 9.29-30, podemos observar que a vida de Saulo corria perigo em Jerusalém, devido à hostilidade dos judeus. Então, alguns irmãos o acompanharam até o porto de Cesareia e o embarcaram rumo a Tarso, sua cidade natal. Onze anos depois (Gl 2.1), temos o seguinte relato:

19 Os que tinham sido dispersos por causa da perseguição desencadeada com a morte de Estevão chegaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, anunciando a mensagem apenas aos judeus. 20Alguns deles,todavia,cipriotas e cireneus,foram a Antioquia e começaram a falar também aos gregos,contando-lhes as boas novas a respeito do Senhor Jesus. 21A mão do Senhor estava com eles, e muitos creram e se converteram ao Senhor. 22Notícias desse fato chegaram aos ouvidos da igreja em Jerusalém,e eles enviaram Barnabé a Antioquia. 23Este, ali chegando e vendo a graça de Deus, ficou alegre e os animou a permanecerem fiéis ao Senhor, de todo o coração. 24Ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé; e muitas pessoas foram acrescentadas ao Senhor. 25Então Barnabé foi a Tarso procurar Saulo 26e,quando o encontrou,levou-o para Antioquia.(At 11.19-25)

Observe que Barnabé surge novamente no cenário, não como projetos feitos na frente da tela de um computador cheios de ilusões, mas com os pés apoiados no chão da história. Apesar de estar inserido em um contexto onde os cristãos da igreja de Jerusalém tinham uma visão bastante exclusivista do Evangelho, ele deixa o discípulo com liberdade plena de escolha, desde que seu projeto de vida seja Jesus Cristo.

Os contemporâneos de Barnabé não queriam pregar para outros povos. Foi necessária uma dispersão para que isto acontecesse. Atos 11.19-21 mostra que os dispersos foram por toda a parte, e houve um grupo que foi para Antioquia, onde teve grande sucesso na propagação do evangelho; muitas pessoas se converteram ao Senhor Jesus.

De forma específica, Atos 11.21,informa que quando a notícia de conversões dos gentios, em Antioquia, chegou a Jerusalém, os apóstolos tomaram a decisão imediata de mandar um discípulo de confiança e capaz, para ser o pastor da recém-nascida igreja de Antioquia. O escolhido foi Barnabé! Enviado no tempo certo para que, assumindo a missão, pudesse como modelo

ser imitado, sempre mostrando que não se tem outro modelo para contemplar a não ser Jesus cristo, e aqueles que se aproximam dele deve andar como ele andou.

A graça de investir na pessoa “rejeitada”

Ao chegar a Antioquia, comissionado pela igreja de Jerusalém, Barnabé reconheceu a necessidade da igreja ser devidamente instruída na Palavra. Nesta circunstância, possivelmente, lembrou-se de Saulo, seu amigo de outras datas, alguém com um grande potencial para auxiliá-lo.

Nesta época, Saulo estava morando em Tarso, sua cidade natal. Certamente, que a educação de Saulo em escolas de filosofia grega, sua eloquência e sua lógica, eram necessárias entre os sofisticados eruditos de Antioquia, capital da Síria e terceira cidade em importância de todo império Romano, inferior apenas a Roma e Alexandria.

Com efeito, Barnabé foi suficientemente humano para reconhecer a sua necessidade de ajuda na área do ensino e, assim, procurou e encontrou Saulo em Tarso. Além disto, os versículos 22 a 24 descrevem algumas das características de Barnabé, que são imprescindíveis para um discipulador moderno:

• um homem de confiança da liderança;
• uma pessoa obediente e disponível;
• alguém com aguçada sensibilidade espiritual – “vendo a graça de Deus”;
• alguém que se alegrava com o sucesso das outras pessoas;
• um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé;
• uma pessoa carismática, que uniu os Cristãos de Antioquia.

Tudo isto fazia de Barnabé um discipulador caloroso e amável. Sua fé em Jesus de Nazaré era vivida em comum. Não perdia a oportunidade de ir ao encontro do outro para incentivá-lo.

Atos 11.25 registra Barnabé partindo para Tarso, a buscar Saulo; e, achando-o, o trouxe para Antioquia. Ir até Tarso procurar Saulo implica em investimento de tempo e dinheiro. Temos aqui mais duas grandes características de Barnabé:

• investe no rejeitado,
• descobre talentos.

Desde cedo Barnabé descobriu que não se faz à obra de Deus sozinho, são necessários colaboradores. Para isto, ele deu oportunidade para o velho amigo Saulo. Os “Barnabés” se preocupam em dar oportunidade para alguém esquecido no tempo e no espaço.

A atitude de Barnabé ir buscar Saulo nos mostra o quanto é importante acreditarmos nas pessoas. Quantas vezes não perdemos alguém por deixar de confiar e acreditar nele. Há pessoas, que só precisam ser treinadas para o trabalho.

Muitas vezes, pessoas não são treinadas porque ninguém acredita nelas! Possivelmente, se Barnabé não tivesse confiado em Saulo, Antioquia não teria sido o quartel general da obra missionária do início do cristianismo (At 13).

Acreditar na pessoa, antes mesmo que ela alcance o sucesso e demonstre o que pode ser e fazer, deve ser nossa prática. Pessoas como Barnabé acreditam nas pessoas, quando elas ainda são inexperientes.

Barnabé revela um projeto de discipulado muito simples, que encerra em si mesmo a essência do discipulado: relacionamento, onde assume Jesus como caminho, verdade e vida, no dia a dia.

O que é um projeto pessoal de vida espiritual senão o discipulado? O farol projeta luz, a lança projeta flecha, uma arma projeta “o projétil”, o discipulado segundo Jesus Cristo projeta discípulos semelhantes a Jesus. O projetar da vida espiritual de um discípulo de Jesus deve se evitar dois grandes riscos:

1) D eterminismo inflexível. O discípulo precisa de elasticidade mental e existencial para viver no seguimento de Jesus; estar sempre pronto para se refazer enquanto caminha.

2) Idealismo romântico. Contra isso, seu projeto de vida deve ser revisto continuamente, por meio de avaliações, mudanças diante de situações novas

que requer uma nova visão dos fatos.

Os verdadeiros “Barnabés” geram um ambiente de confiança que facilita aos “Saulos” terem experiências juntos: experiências de vitórias e fracassos, acertos e desacertos. Só seremos “Barnabés” se continuarmos a acreditar nos “Saulos”, mesmo depois que eles falham.

Os verdadeiros “Barnabés” estão sempre levando “Saulos” a visualizarem um futuro bem-sucedido para sua vida.

Capítulo 3 Deixando o discipulado como legado espiritual

Nosso discipulado não pode ser conhecido apenas pela organização, pelo excelente estudo bíblico ou por algum aspecto especial; temos de ser reconhecidos pelo valor que atribuímos às pessoas e pela qualidade de nossos relacionamentos.

A respeito disto, Walt Larimore cita George Barna:

[...] A maioria das pessoas reconhece a falta de relacionamentos e de significado em sua vida. Esses dois fatores são fundamen- tais para ter alegria e satisfação.A solução comum é manter-se ocupado e estimular-se com uma série de experiências novas. Desse modo, a tendência é não sentir a dor desses vazios fun- damentais em nossa vida. As pessoas descobriram que, se preencherem os espaços com compromissos e uma vida intensa, terão menos probabilidade de sentir o vazio da solidão e da fal- ta de objetivo. Sem dúvida, essa atitude apenas adia o desespero intenso que, no final, não se consegue mais reprimir.[3]

O discipulado na igreja deve ser um trabalho em equipe para superação da autossuficiência humana

Barnabé era o tipo de discipulador que via a necessidade de trabalhar em equipe e consultar várias pessoas ou entrar em consenso com elas, numa ruptura do individualismo.

[3] LARIMORE, Walt. Os 10 hábitos das pessoas altamente saudáveis. São Paulo: Vida, 2003, p. 116.

[1] Na igreja de Antioquia havia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lucio de Cirene, Manaém, que fora criado com Herodes o tetrarca,e Saulo. [2]Enquanto adoravam o Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que as tenho eu chamado. [3]Assim depois de jejuar e orar,impuseram -lhes as mãos e os enviaram.(At 13.1-3)

O texto acima indica que Barnabé é o pastor principal da igreja local de Antioquia. Barnabé aparece liderando uma equipe de quatro pessoas: Simeão, Lucio, Manaém e Saulo.

O líder autêntico,especialmente o líder cristão,não age de for - ma solitária, mas está rodeado de seus liderados. Ora, se ninguém segue sua liderança, significa que não está liderando nin- guém! Os bons líderes levam outros consigo para o topo de sua liderança.É alguém que se preocupa com a ascensão de outros líderes para que eles cresçam e se desenvolvam em qualidade e mutualidade. Desejar o topo é perfeitamente aceitável quando o líder o alcança palmilhando os passos de outro líder. [4]

A autossuficiência gera orgulho, rejeita a opinião das pessoas e manifesta uma espécie de “poder” que o afasta dos outros. O autossuficiente adota uma postura de dono de si mesmo; acha que sabe o suficiente para não querer intermediários ou diálogo.

De fato, o autossuficiente se julga pronto para assumir a direção de sua vida. Barnabé é o oposto a tudo isto; ele convive com as diferenças (profetas e mestres) e busca consenso, com o objetivo de buscar pontos convergentes para trabalhar juntos na perspectiva de uma igreja saudável.

De fato, uma pessoa autossuficiente não discípula segundo o modelo de Jesus, pelas seguintes razões:
1) Não admite outro orientá-la sistematicamente, pois entende que isto bloqueia sua liberdade interior;
2) Não se sente à vontade diante da ideia de ser “último”; quer sempre ter razão.
Barnabé, pelo contrário, era manso e humilde de coração, tal como o Mestre.

Ele demonstrou excelência na arte da direção espiritual, ao acompanhar passo a passo seus discípulos, em momentos e circunstâncias diversas.
Era um mentor competente, tanto na teoria como na prática. Como tal, proporcionou ajuda aos discípulos, para alcançarem a maturidade espiritual e sucesso na vida. Ou seja, Barnabé treinava e delegava com graça e precisão.

[4] CABRAL, Elienai. Josué: um líder que faz a diferença. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 35.

Qualquer organização é tão forte quanto seus líderes e lidera - dos.Então,a próxima pergunta óbvia que um líder deve fazer é “Como tornar mais fortes as pessoas que lidero?” A resposta vai surpreender você. Um líder inteligente fortalece as pessoas delegando poder a elas. Líderes colocam liderados, e não a si mesmos, no centro. Líderes usam seu poder a serviço dos outros, não a serviço de si mesmo.[5]

No desenvolvimento da perfeição humana e espiritual de seus discípulos (especialmente Paulo), Barnabé se revelou o tipo de líder que permitia diversidade de personalidades, dons, raça e cultura. Sabia conviver com a diversidade e as opiniões divergentes.

Como se pode ver, na equipe da igreja em Antioquia havia um claro equilíbrio de dons: dom profético (zelo) e dom de mestre (conhecimento). Somente um líder saudável como o perfil de Barnabé permite que estas duas expressões do Espírito Santo ajam juntas, sem qualquer impedimento, pois, zelo sem conhecimento leva ao fanatismo e o conhecimento sem zelo leva ao formalismo.

O papel desempenhado por Barnabé nos ensina que a credibilidade de quem discipula começa com o sucesso pessoal e se confirma na iniciativa de ajudar quem é discipulado a alcançar sucesso também.

Uma característica clara na vida de Barnabé, em Atos 13, é sua visão de cooperação. Barnabé nunca trabalhou sozinho, desde cedo aprendeu que a obra de Deus necessitava de colaboradores. Não lhe interessava receber a glória.

Esta disposição fez com que Barnabé não se sentisse ameaçado por companheiros de caminhada como Saulo, mesmo sendo este um doutor da

Lei.
Pensando no discipulado de Barnabé com Paulo, destacamos os seguintes aspectos:
1) Companheiro de viagem: caminha junto dialogando e partilhando a vida, buscando iluminação recíproca.
2) Mentor: não é um mestre qualquer, mas alguém que conhecendo a vida do mentoreado, dá uma orientação personalizada, com sabedoria e ajuda fraterna.
3) Orientador humano e espiritual: orienta sem impor suas ideias; orienta oferecendo pistas e deixando quem discipula livre para aceitar ou não suas dicas.

[5] ORBERG, Nancy. Desafio da Liderança. São Paulo: Vida, 2009, p. 126.
O discipulador precisa ser alguém capaz de fazer a transição de sua liderança sem traumas

Seguindo a leitura de Atos 13, percebemos que Barnabé não se importava, também, em desenvolver um papel secundário na equipe. Para ele o importante era que a obra de Deus estava sendo feita, mesmo que ele ocupasse um papel coadjuvante.

Barnabé acreditava nos seus parceiros de caminhada, confiava que eles seriam capazes de continuar a sua corrida.
O estilo discipulador de Barnabé nos revela um caminho novo, pouco trilhado por muitos líderes modernos, que é: planejar a partida, desde a chegada.
O que Barnabé fez para que isto viesse a acontecer? Ele estabeleceu um processo de transição da sua liderança para que Paulo, seu auxiliar direto e futuro sucessor, fosse assumindo aos poucos o seu lugar.
Observe que até Atos 13.7, o nome de Barnabé é citado em primeiro lugar, mas depois Paulo passa a ocupar o primeiro plano, assumindo a liderança da equipe, pois Lucas, o autor do livro de Atos dos Apóstolos, escreveu: “Paulo e os que estavam com ele” (At 13.13).
Entenda, porém, que Barnabé não foi mencionado primeiro porque era mais velho do que Paulo, como pensa alguns comentaristas, mas por ser o líder de Paulo. Depois a ordem é invertida e Barnabé passa a ser mencionado em segundo lugar porque se tornou colaborador fiel de Paulo.

Barnabé é o típico líder com o coração de servo. Este é o perfil do líder que a igreja precisa; alguém comprometido com o sucesso do outro. Neste momento da história, Paulo era um líder menor que precisava de toda atenção e Barnabé o transformaria em herói.
Observe que, a sequência dos versículos em Atos 13, confirma a transição da liderança de Barnabé para Paulo:

• Versículo 1 – Barnabé é o líder da igreja e da equipe (Barnabé é citado primeiro).
• Versículo 7 – Barnabé continua sendo o líder.
• Versículo 13 – Paulo passa a ser o líder (Pois é citado primeiro).
• Versículos 16, 43, 46 e 50 – Paulo é o líder.

Nos primeiros versículos de Atos 14, Paulo continua sendo o líder e isto é a confirmação de que a transição da liderança está consolidada. A situação só muda nos versículos 11 a 14, quando há um quadro de tensão, na cidade de Listra, e Barnabé aparece como uma figura mais importante do que Paulo: ele é chamado pelos nativos de “Júpiter” e Paulo, de “Mercúrio”.

Na crença daquele povo o deus Júpiter era o chefe de Mercúrio. Portanto, no momento crítico o encorajador Barnabé reassume a liderança da equipe, para proteger Paulo.

Outro fato curioso quanto à transição da liderança de Barnabé para Paulo, acontece em Atos 15.1-2 e 12. Nos versículos 1 e 2 Paulo é citado primeiro, pois estão ainda em Antioquia. Mas no versículo 12, Lucas volta a citar Barnabé em primeiro e Paulo em segundo, visto que agora estavam em Jerusalém. Em Jerusalém, Barnabé era mais respeitado do que Paulo.

O aspecto crucial no discipulado a ser preservado é seu significado espiritual-vivencial. Em 1 Pedro 2.21, diz que Jesus é nosso exemplo sublime de fidelidade. Ele suportou com paciência a injustiça. Desta maneira, o cristão deve seguir seus passos.

O termo traduzido aqui como exemplo dá a ideia de uma cartilha que traz modelos de caligrafia perfeita.O objetivo do aluno é reproduzir o modelo com toda precisão possível. Quando maior o cuidado do aluno em copiar o modelo, melhor será sua caligrafia. Quanto menos se parecer com o modelo,

mais feia será a cópia. Encontramos segurança quando permanecemos fiéis ao original[6].

[6] MACDONALD, Willian. Comentário Bíblico Popular. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 920.

Capítulo 4 Influenciando pessoas para toda a vida

“ *A pessoa que manuseia o arado não olha para trás, também não para a distância que foge aos olhos,mas para o próximo passo que ela precisa dar.*”

(Dietrich Bonhoeffer)

As pessoas que influenciamos para toda a vida são aquelas com quem caminhamos. Alguém com quem compartilho a vida, que mantenho comunhão íntima. Sem esta base não há como influenciar para o futuro.

Então, pare e pense por um instante sobre o seu círculo de amizade ou até mesmo sobre o seu grupo pequeno da igreja (se pertence a um), e faça uma lista mental das pessoas que são seus verdadeiros companheiros de caminhada. Quantos são?

Os verdadeiros companheiros vão além de encontros semanais num contexto de grupo pequeno da igreja. Eles são pessoas que estão comprometidas pessoalmente uns com os outros, porque o amam e o aceitam. Você convive em um ambiente assim?

Como estamos vendo, Barnabé prefigura como um especialista em direção espiritual; alguém que segue como modelo a Pessoa de Jesus, da maneira como nos é apresentado nos Evangelhos.

À semelhança de Barnabé, a pessoa cristã que discípula precisa ser alguém com experiência prática vivencial, com uma fé profunda vivenciada com todas as lutas interiores e pessoais; alguém que exerce sua orientação espiritual por meio de relacionamento confiável e dialógico, numa encarnação do Evangelho de Cristo na vida.

[35] Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, onde, com muitos outros,

ensinavam e pregavam a palavra do Senhor.[36]Algum tempo depois, Paulo disse a Barnabé: Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor,

para ver como estão indo. [37]Barnabé queria levar João,também chamado Marcos. [38]Mas Paulo não achava prudente levá-lo,pois ele,abandonando–os em Panfília,não permanecera com eles no trabalho. [39]Tiveram um desentendimento tão sério que se sepa- raram. Barnabé, levando consigo Marcos navegou para Chipre. (At 15.35-39)

O caráter de Cristo é revelado não apenas nas palavras, mas também nas ações de Barnabé. Como o homem novo que nasce da força do Espírito e que experimenta no cotidiano a nova criação de Deus. Observe que o acontecimento descrito em Atos 15.35-41 se deu por volta do ano 51 d.C. De fato, esta foi à última referência a Barnabé, no livro Atos.

O texto acima informa que Paulo e Barnabé estavam como que “arrumando as malas” para próxima viagem missionária. Isto é, havia chegado a hora de uma segunda viagem missionária.

Entre outros detalhes, eles discutiram sobre se levariam ou não João Marcos. Paulo achava que não, Barnabé que sim. Paulo temia que Marcos lhes abandonasse novamente, como havia feito na Panfília (At 13.13).

O argumento de Paulo foi nesta direção:

– João Marcos fracassou uma vez e vai fracassar novamente; eu não confio nele!
Mas Barnabé contra-argumentou:
– Paulo, você tem razão, João Marcos fracassou uma vez, mas dessa vez isso não acontecerá, te garanto.

Só podemos conjecturar acerca das profundas motivações psi - cológicas por traz das ásperas discussões entre Paulo e Barnabé, surgida da mudança que conduziu ao reconhecimento da liderança de Paulo. O relacionamento de parentesco entre Marcos e Barnabé pode ter tido o seu papel.Na questão em pauta aqui, ambos os distintos líderes tinham razão com base em diferentes pontos de vistas.Barnabé tinha um coração de pastor e,prova- velmente, tinha

razões pessoais para conhecer melhor do que Paulo a profundidade e a sinceridade do arrependimento de João Marcos. Por outro lado, Paulo – estava preocupado com o sucesso espiritual da segunda viagem, que muito dependia da ajuda que poderiam receber de homens mais jovens.Estes precisavam ser testados e provados em público, e não se podia dizer que João Marcos havia sido assim testado desde a sua deserção.[7]

Paulo e Barnabé eram dois servos de Deus íntegros, veteranos e amadurecidos na fé; homens comprometidos com o Reino de Deus. Mas, infelizmente, a separação deles se deu num ponto crítico.

O ponto chave nessa desavença foi quando ambos ficaram firmes em suas posições e romperam; a parceria terminou. Sim, até aqueles que vivem Cristo, revestindo-se dele, do seu amor e de sua vida, estão sujeitos a desavenças e conflitos.

Neste episódio, na perspectiva do jovem Marcos, ele estava sendo rejeitado por Paulo, pelo fato de ter fracassado uma vez. Paulo não queria dar uma segunda chance. Barnabé queria dar uma segunda chance para o sobrinho.

O velho discipulador discerniu que sua prioridade agora era “resgatar” este jovem obreiro. Barnabé era o tipo de líder que expressava quem ele era naquilo que fazia em relação ao outro.

Liderança é tanto algo que você é quanto algo que você faz... Quando o que eu sou e o que faço estão de acordo, tenho caráter e credibilidade.Se aquilo que sou e aquilo que faço não estão ligados entre si, tenho problemas como líder.[8]

Conhecendo as marcas da influência eficaz de quem discipula

Ser um líder como Barnabé implica em saber compreender as razões das pessoas, e responder com brandura ao coração partido dos abatidos pelas adversidades encontradas no caminho. Com efeito, a subida até o topo é árdua e escarpada. Pessoas ficam exaustas, frustradas e desencantadas. São tentadas a desistir.

Agir como Barnabé é ser sensível a dor alheia durante a caminhada, é

procurar responder de maneira adequada, capacitando para dar o próximo passo rumo ao topo. De fato, Barnabé era um grande influenciador. O que é influenciar? Influenciar é o ato ou efeito de influir, que significa, literalmente, “fazer fluir para dentro de”, inspirar, incutir, sugerir, transmitir.

Com efeito, liderar é influenciar – nada mais, nada menos. Sem influência você nunca será capaz de orientar e guiar outras pessoas. Você pode ter boas ideias, inteligência, desejo de realizar e até posição; entretanto, sem influenciar pessoas, elas não lhe seguirão e, mais do que isso, elas não caminharão ao seu lado para dar suporte ao seu ministério.

[7] MACDONALD, Willian. Comentário Bíblico NVI. São Paulo: Vida, 2009, p. 1792. [8] JOHN, Maxwell. O desafio da Liderança. São Paulo: Vida, 2009.

Barnabé não era apenas um homem com boas ideias e posição firme, ele era também alguém que alimentava a autoestima dos outros, apoiando a dignidade e promovendo ambiente de reciprocidade e sentimento de que “estamos juntos nisso”.

A relação com Paulo e, partir deste ponto, com João Marcos, mostra que ele trabalhava com pessoas individualmente, dedicando a própria vida a elas. Barnabé construía nas pessoas um profundo senso de valorização ao dar a elas uma segunda chance. Ele já havia feito isto com Paulo e agora está fazendo com João Marcos.

Antes de sua morte, Spurgeon havia lido “O Peregrino” uma centena de vezes. Todo seu estilo literário foi poderosamente influenciado por João Bunyan. Ele tinha apenas um propósito na vida; pregar a Cristo em toda a sua glória e poder.

Spurgeon era um mestre da palavra falada e escrita. Foi Dwight L. Moody quem confessou abertamente que sua veemência vinha da Bíblia e de Spurgeon.

Tudo o que ele já disse, eu já li. Meus olhos se deleitam nele. Se Deus pode usar o senhor Spurgeon, por que não deveria ele usar a nós outros? [9]

O alcance da influência de Barnabé

Ficou claro, portanto, que Barnabé rompe com Paulo com a motivação de apoiar o companheiro João Marcos, o qual Paulo havia rejeitado. Barnabé era um homem que acreditava, enquanto todos duvidavam.

O jovem Marcos precisava de alguém assim: generoso, que serve aos outros com amor e disposição voluntária. Você conhece alguém que esteja precisando de um ombro amigo, de uma palavra de encorajamento? Alguém que fracassou e agora carece de uma pessoa que o tome pela mão e ande lado a lado com ele? Ser encorajador, como Barnabé, é estar pronto para ouvir com atenção a essa pessoa e não ter pressa para sair de perto dela.

A partir da ruptura entre os dois, Barnabé não é mais mencionado no livro dos Atos dos Apóstolos. Mas a sua influência continuou. Quando o assunto é influenciar pessoas, Barnabé encabeça a lista. Sua influência estava entretecida na estrutura do seu próprio ser.
Da mesma forma que a primeira referência a Barnabé inicia com ele encorajando, a última termina com ele partindo para Chipre, “levando consigo Marcos”, encorajando-o.

[9] SPURGEON, Charles H. Conselhos para Obreiros. São Paulo: Arte Editorial, 2004, p. 8.

A sua marca é estar sempre levando, estimulando, apoiando alguém. Neste momento da separação, Barnabé entendeu que sua missão de levantar Paulo para o ministério havia chegado ao fim. Agora, estava diante dele um novo desafio: investir na vida do iniciante e rejeitado João Marcos.

Um discipulador como Barnabé enxerga nas pessoas um potencial que, bem aproveitado, será, mais tarde, útil na obra do Senhor. Temos de acreditar que não são os fracassos que derrotam as pessoas, mas sim o não ter quem acredite nelas novamente. Por isto, devemos nos empenhar:

• na formação da consciência cristã, à luz do Evangelho de Cristo;
• na consolidação dos fracos na fé, tomados por incertezas;
• no fortalecimento da esperança, comunitário e pessoal.

Certo de que a dignidade, não nasce de uma hora para outra, Barnabé decide acreditar e investir em João Marcos. O João Marcos em quem Barnabé acreditou e investiu foi, mais tarde, o autor (entre 57-63 d.C.), do mais

objetivo relato sobre a vida e ministério de Jesus, o Evangelho Segundo São Marcos, cujo tema central é: Jesus Cristo como Servo.

Com feito, a influência de Barnabé sobre seus discípulos acontecia por meio de uma relação de ajuda que se reproduz, pois cuidar é doar-se, isso Barnabé sabia fazer muito bem. Assim, o que é indispensável numa relação de ajuda?

• Cumplicidade - manter sigilo;
• estabelecer um ambiente de troca de experiência;
• ajudar de maneira despretensiosa;
• cultivar respeito mútuo e reconhecimento da autoridade;
• prestação de contas.

Observe que após a desavença, Paulo e Barnabé não são mais mencionados juntos no livro de Atos. Eles partiram por caminhos opostos. Mas nas epístolas paulinas Barnabé ainda é mencionado quatro vezes.

A última menção de Paulo e Barnabé foi quatorze anos depois dessa triste desavença e separação (Cl 4.10), onde Barnabé aparece relacionado a seu sobrinho, João Marcos. Isto indica que aquele problema havia sido resolvido.

Portanto, a segunda chance que Barnabé deu a João Marcos foi bem-sucedida. Então, o que podemos aprender com o discipulado dado por Barnabé a João Marcos? Tudo que fez, foi possível porque Barnabé era um Homem de paz e reconciliação; um homem de cura interior, que promovia restauração nos relacionamentos entre líderes.

A prova que houve reconciliação entre Paulo e João Marcos, e entre Paulo e Barnabé, está no fato de mais tarde o próprio Paulo afirmar ser Marcos alguém útil para o ministério:

9 Procure vir logo ao meu encontro, 10pois Demas, amando este mun- do, abandonou-me e foi para Tessalônica. Crescente foi para a Galácia, e Tito, para a Dalmácia. 11Só Lucas está comigo.Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério (2Tm 4.9-11).

Quais as implicações deste apelo de Paulo a Timóteo? Com a expressão “útil” não estaria Paulo se referindo a sua sucessão ministerial? Pois, ele já estava

no fim da linha (v. 6). Com isto, acreditamos que foi João Marcos o sucessor ministerial de Paulo!

Barnabé e Paulo tiveram um bom relacionamento, embora houvesse aquele forte desentendimento entre eles. Mas, não ficou nisso, os dois resolveram a questão posteriormente, pois Paulo menciona Barnabé junto com ele em Corinto (1Co 9.6).

Não estamos isentos de desavenças na nossa jornada ministerial, mas precisamos dar lugar sempre ao espírito de perdão e amor, para que haja mais e mais cooperação. O que deve estar na base da nossa liderança? A credibilidade! Nisto Paulo e Barnabé eram campeões!

Capítulo 5 Discipulando qualquer pessoa em todo tempo

“ *Exortemo-vos, também, irmãos, a que admoesteis os insubmissos, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos*”.

(1 Tessalonicenses 5.14)

De acordo com o texto acima é muito provável que as três classes de pessoas indicadas como: “insubmissos”, “desanimados” e “fracos”, correspondam aos três tipos de pessoas “difíceis” para discipular na comunidade Tessalônica.

O fator mais importante na questão é que a tarefa de “cuidar” destes três tipos de pessoas recai sobre toda comunidade. Ou seja: não é somente responsabilidade dos líderes.

Com a expressão “exortamos vocês, irmãos”, Paulo está convocando todos a exercerem a disciplina mútua do encorajamento, pois o verbo grego “exortemo-vos” pode significar tanto ”encorajar” (do grego parakaleo), como “rogar” ou “implorar”, que é o caso acima.

Discipulando pessoas
“insubmissas” ou indisciplinadas

O “insubmisso” de certo modo é um indisciplinado, gerador de desordem na comunidade. Tenho dito que, neste caso, a insubmissão é um estado ou a condição em que a pessoa se encontra. Ela não é insubordinada, mas está insubordinada.

O fato é que o ser humano tem a inclinação para a desordem, para a insubordinação. Isto porque a nossa estrutura humana é essencialmente pecaminosa. Acredito que a melhor forma de se diagnosticar essa tendência pecaminosa do ser humano, é através da convivência dos relacionamentos pessoais, especialmente no contexto de um grupo pequeno ou equipe. É neste ambiente que, cedo ou tarde, descobrimos quem é quem.

Vejamos algumas características de uma pessoa insubmissa: “fora de ordem” ou desordenados; atitudes rebeldes; críticos em demasia, perturbadores; ociosidade (preguiçosos). É um tremendo desafio cuidar, orientar, proteger e alimentar, pessoas assim. Especialmente porque a primeira medida é a advertência.

Como advertir ou confrontar o insubmisso? Primeiro, temos de confrontar as atitudes, não a pessoa. Há outro detalhe, na hora do confronto não podemos fraquejar em nossas convicções.

Para as pessoas que têm dificuldades em identificar o insubmisso, segue algumas dicas:

• recusam reconhecer a autoridade espiritual estabelecida na igreja através da liderança;
• em sua maneira de pensar (“mente”) e em sua maneira de agir (“consciência”), estão totalmente corrompidos;
• optam conscientemente por rejeitar a Verdade e escolhe buscar seus interesses pessoais;
• mantém uma oposição direta aos princípios genuinamente cristãos;
• procuram minar a semente da sã doutrina, plantada nos sadios na fé;
• falam muito, mas sem substância (“faladores frívolos”).

Portanto, a insubmissão é um problema extremo que exige uma solução extrema: confrontação! Em Tito 1.10-11, Paulo foi taxativo: “que eles sejam silenciados” (NVI) [10]. Outra versão diz: “É preciso fazê-lo calar” (RA) [11].

Outra tradução diz ainda: “aos quais convém tapar a boca” (RC) [12]. “Tapar a bocar” significa “amordaçar” Qualquer que seja a versão bíblica, esta se refere à mesma coisa: confrontar com dureza.

A forma direta como se deve tratar com a pessoa insubmissa, demonstra o quanto elas são perigosas! Pois, manipulam as mentes incautas; seus interesses não são o bem-estar das pessoas, mas o seu próprio. Todavia, precisamos dar uma solução prática para os insubmissos, que consiste em “admoestá-lo”: • confrontar com amor;
• mostrar o perigo;
• indicar o caminho certo.

[10] NVI – Nova versão internacional. Uma das mais atuais versões da Bíblia. Foi publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil.
[11] RA – Versão Revista e Atualizada.
[12] RC – Versão Revista e Corrigida.

Discipulando pessoas “desanimadas” na fé

O “desanimado” é alguém abatido, tacanho e medroso. Não nos esquecemos de que somos criaturas humanas, com sentimentos e, portanto, vulneráveis à fragilidades, tanto físicas quanto emocionais. Observe algumas características de uma pessoa desanimada: decepcionadas diante dos infortúnios; tristes por causas de perdas; coração fraco.

Temos de aceitar, antes de tudo, o fato de que somos frágeis, sujeitos a sermos quebrados como “vaso de barro”. Aconselhamos as pessoas que sejam fortes; animamos os desanimados; e até suportamos o mal-humor deles. Mas, às vezes, não sabemos lidar com as nossas emoções. Então, entramos no “vale sombrio” do desespero e do desânimo.

Precisamos entender, também, que o desânimo não é fruto de pecados cometidos. Estaria Jesus em pecado em seu flagelo emocional no Getsêmani? (Mt 26.38). Claro que não! A pressão da vida, da família e das necessidades pessoais, tira de nós a força, deixando-nos fatigados e desanimados.

Qual é a solução para os “desanimados”? O texto bíblico diz que a solução é “consolar”! Inevitavelmente, existem inúmeras pessoas ao seu redor que

necessitam de ânimo. Estão num estado de baixa autoestima, impotência, medo, ira, ressentimento, sentimento de culpa etc. São pessoas que estão vivendo na inércia, sem perspectiva de vida e incapazes de agir e reagir. A única coisa que podem dizer é: “dê-me ânimo”!

Ninguém mais do que o desanimado precisa de outras pessoas. É absolutamente possível tirar o desanimado do poço de desânimo, com a ajuda do Espírito Santo e da Palavra de Deus, pois nos fornecem o tipo de ânimo que o mundo não tem para dar.

Em João 14.16, temos uma palavra grega parakleto, que significa “alguém chamado para ajudar outro”. Então, o Espírito Santo é o “outro Consolador” exatamente como Jesus.

O Espírito Santo veio para suprir as mesmas necessidades que Jesus supria; para consolar como Jesus consolava; para advogar a causa dos necessitados como Jesus advogava. Portanto, o Espírito Santo é o agente necessário para encorajar o desanimado. É ele quem aplica a verdade objetiva das Escrituras Sagradas para gerar em nós esperança.

Como encorajar alguém com auxílio do Espírito Santo?
• Fortalecendo o coração;
• falando palavras suavizadoras;
• ressaltando pontos positivos;
• trazendo à memória as coisas boas;
• recobrando a esperança perdida;
• ajudando a recuperar os sonhos abandonados ou projetos falidos.

Discipulando pessoas “fracas” na fé

O 11 de setembro deixou os EUA (e o mundo) com um profundo sentimento de vulnerabilidade e “sem controle” da situação. De repente, o império sentiu-se fraco.

O sentimento deixado é que os “inimigos” (terroristas) poderiam agir novamente, sem aviso prévio. Estou convencido de que sentimentos como esses acontecem com qualquer pessoa. Diante do inesperado, sentimo-nos sem saída, impotentes e fragilizados.

Vejamos algumas características de uma pessoa “fraca” na fé, sem vigor ou força; presa fácil do inimigo; tentado à queda. As pessoas fracas, sem robustez, além de não terem força de vontade e serem “vencidas” pela vida, carregam um grande peso emocional e tristeza pessoal, “escondidos” na alma.

A saga dessa dor tem raízes no sentimento de fraqueza. Uma pessoa fraca é pouco ativa e pouco expressiva ou vigorosa. Normalmente ela se sente pouco guarnecida. A melhor palavra para descrever o “fraco” é: a insuficiência!

Jesus descreveu bem uma pessoa fraca, em Mateus 12.20: “ Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante até que leve à vitória a justiça ”. Você pode imaginar um “caniço” rachado? Aquilo que antes era uma cana firme e consistente, agora está dobrado e partido sem esperança.

Você pode pensar também num “pavio” fumegante de uma vela? Antes, o que estava bem aceso, agora está fraco e desvanecendo. Qualquer movimento brusco ou um leve sopro de ar pode apagá-lo. Jesus diz que embora o caniço esteja rachado, não deverá ser, em hipótese alguma, esmagado, tirado de cena.

Ele diz também que por menor que seja a fagulha do pavio que fumega, não deverá ser apagado – destruído. O que Jesus está dizendo é que em relação às pessoas “rachadas” e “fumegantes” (fracas) temos que demonstrar ternura, coração amável, misericórdia, pois esse tipo de pessoa está cheio de temores e desalentos. Porquanto, estão precisando de amparo, não de crítica e condenação.

O enfraquecimento é um processo. Ninguém se torna fraco de repente – é pouco a pouco, pedaço a pedaço, o processo entra em ação: é uma pedra que cai. Você a deixa cair. É uma tábua que se solta. Você a deixa solta. É uma coisinha aqui... outra coisinha ali... e boom!

Cuidar dos “fracos” não é opcional. É um dos mandamentos recíprocos da Bíblia. Veja o que diz Gálatas 6.1: “irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês que são espirituais, deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado ”.

O verbo “restaurar” no original grego é utilizado em outras passagens, como

Efésios 4.12, no sentido de “imobilizar ossos”, “consertar redes”, “reunir facções rivais”. Quem deve “restaurar”? Aquele que está numa situação melhor, o discipulador: “[...] vocês que são espirituais deverão restaurá-lo com mansidão [...]” (Gl 6.1). Portanto, a solução para o fraco é “ampará-lo”! O que significa amparar alguém?

• Carregar no colo;
• apoiá-lo ternamente;
• pôr os braços em volta... abraçar;
• não desprezar.

Em resumo:

1) O processo do discipulado de Jesus começa com uma decisão sólida por Cristo, como fruto da proclamação da Palavra com poder.
2) Ser “imitador” de um discipulador é uma definição prática do que significa ser discípulo de Jesus.
3) Expressar um estilo de vida que reflete o caráter de Cristo, sendo exemplo para a vida de outras pessoas sobre como ser um bom discípulo ou discípula de Jesus, é o grande testemunho do Reino de Deus.
4) Reproduzir, onde quer que chegue, repercutindo a vida de Deus na vida das pessoas, é o produto final do discipulado.

Capítulo 6 Formando facilitadores da maturidade espiritual

A maturidade espiritual não nasce de uma hora para outra, o processo requer tempo e disciplina. Nesta perspectiva, os agentes no processo da formação rumo à maturidade espiritual são três:

1) **Deus**. Pela sua maravilhosa graça, Deus endireita nossos caminho para que, por meio das transformações do nosso, possamos avançar e alcançar a estatura de um varão perfeito;

2) **Discipulador**. Por meio de relacionamento sóbrio e sincero, o discipulador conduz pessoas pelo caminho do Espírito Santo. Ele deve estar sempre atento e vigilante sobre si mesmo para não tentar manipular o discípulo.

3) **Discípulo**. Recebe uma paternidade que não é jurídica, mas um relacionamento mestre-discípulo. Como um seguidor integral de Jesus Cristo, ele decide seu futuro à luz da orientação de Deus por meio do discipulador.

Nunca foi fácil, e provavelmente nunca será, praticar o discipulado de Jesus. Discipular é, em essência, influenciar pessoas e impactar vidas. Isto não é tão simples como se imagina.

Em busca deste objetivo, devemos seguir o exemplo tanto de Jesus como de Paulo que valorizavam relacionamentos e eram exemplo de caráter, conduzindo seus discípulos no desenvolvimento da maturidade.

Vejamos alguns dos compromissos para se obter esse alvo:

1) Escutar quem se discipula cerca de duas vezes por semana, para conhecê -lo melhor para poder dirigi-lo e ajudá-lo nas questões da vida;
2) Confrontar a pessoa que se está discipulando nas áreas que ela precisa melhorar, na jornada rumo a maturidade;
3) Acompanhar e orientar o discípulo em seus sonhos e projetos de vida, ajudando a superar os obstáculos.
Na visão de Jesus, e também de Paulo, discipular é multiplicar a si memo. O perfil deles como discipuladores era mais do que ter um grupo de estudo e passar informações. Era, sobretudo, uma formação espiritual, onde os discípulos eram equipados e, a partir deles, a vida de Deus fluía para outras pessoas. O apóstolo Paulo, por exemplo, potencializou a vida e ministério do jovem Timóteo (2Tm 2.2), por meio de:

• princípios bíblicos;
• experiências práticas;
• assessoramento e acompanhamento contínuo.

É na caminhada de um discipulado assim que aprendemos que o negócio não é só plantar. É necessário regar, cultivar, para produzir frutos.
Confiança no Espírito Santo como agente transformador

Aqui, temos de considerar o processo de treinamento do discipulado ou formação pela instrução, que implica em formar através de avaliações e correções constantes. Neste processo o treinador não pode tomar para si o

trabalho do Espírito santo, pois ele não pode atingir o interior da pessoa e mudar seu senso de valores.

Quanto a vocês,a unção que receberam dele permanece em vocês,e não precisam que alguém os ensine;mas,como a unção dele recebida,que é verdadeira e não falsa,os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nele como ele os ensinou. (1Jo 2.27)

Quem discipula pode contribuir com a formação da pessoa a qual está discipulando por meio de duas formas básicas: oferecendo tempo e oportunidade de aprendizado.

Tudo que o treinador pode fazer é ajudar o discípulo a se tornar o que deseja ser.Se a pessoa não vê as coisas do ponto de vista de Deus,se ainda não entregou sua vida a Jesus como Salvador, se não está pronto a pagar o preço de ser servo de Cristo, é pouco provável que ele possa se tornar um discípulo... O treinador, consequentemente, deve se entregar à total responsabilidade de transformar a pessoa que está treinando. Ele pode também abastecer a pessoa com variedade de treinamentos técnicos que ela necessite para o seu próprio desenvolvimento. O treinador, então, simplesmente assumirá o papel de guia e estimulará a pessoa, habilitando-a a atingir suas próprias metas e objetivos.[13]

Diretrizes para um norte seguro

Como sempre, ao ministrar qualquer assunto ou livro, o líder terá de ser um tanto flexível e sensível ao grupo e ao Espírito Santo, para saber quando se desviar do plano e como voltar a se integrar ao mesmo.

Se você quiser seguir o ritmo de módulos de dois meses junto com outros grupos ou igrejas no movimento de discipulado, procure evitar esticar um assunto por duas semanas.

Caso o grupo fique muito empolgado num tema, opte por um encontro numa sessão extra. Lembre-se de que você está dando um modelo que precisa ser simples, para poder ser reproduzido por eles futuramente.

É muitíssimo importante que, como facilitador do aprendizado, o

discipulador seja fiel nas tarefas. Só assim ele pode...

• ganhar aprendizagem própria,
• ser um exemplo a ser seguido,
• ter autoridade para chamar outras pessoas a serem fiéis nas tarefas,
• saber como liderar o grupo, e
• entender onde surgem problemas, para resolvê-los antes do encontro.

A cada semana, antes do encontro, o discipulador deve entender bem a tarefa da próxima semana, incluindo a leitura semanal. Se você perceber algo que merece de esclarecimento para as pessoas entenderem a tarefa, poderá comentar antes de o grupo dividir-se.

O foco deve ser sempre na reprodução

A reprodução é um fator básico na natureza. Espiritualmente Jesus espera que seus discípulos deem frutos.
De várias maneiras, e entre todo tipo de pessoa, o Mestre chamou homens e avaliou o produto de suas vidas.Era isto que re- velava aquilo que realmente eram. Na verdade, quando se trata de analisar a produção de fruto em seu contexto mais amplo
– ou seja, a vida de Cristo sendo reproduzida na personalidade humana, primeiro em nós, depois nos outros –, praticamente tudo o que Jesus disse e fez conduz a este princípio.[14]

Portanto, o discipulador deve pensar além dos seus discípulos; deve pensar nas gerações seguintes.

A reprodução é uma das leis fundamentais do universo.Ovelhas, gado, animais selvagens,árvores, flores ou bactérias – tudo que se desenvolve opera com princípio da multiplicação.A multipli- cação é a maneira de Deus fazer as coisas.[15]

A Bíblia também nos diz:

Deus os abençoou,e lhes disse:Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar,sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra. (Gn 1.28)

Não podemos nos esquecer que a qualidade é a chave para uma multiplicação saudável. Não tenha pressa, esse tipo de reprodução é vagaroso e custoso. Então, vejamos o processo prático de como reproduzir por meio do discipulado:

1)Discipulando em um ambiente informal, prático e que enfoca mais o coração. A igreja “clama” por uma liderança com a visão de discipulado que valorize relacionamentos, que seja padrão dos fiéis no caráter, que influencie pessoas e impacte vidas. Refiro-me aqui a um discipulado que é antagônico ao modelo de ensino tradicional visto nos seminários e institutos teológicos, que é mais teórico, formal, focado mais na mente da pessoa, do que nos relacionamentos.

2) Sendo modelo de vida cristã autêntica. A rigor, o grande alvo da vida cristã é sermos segundo a imagem de Jesus (Romanos 8.29). Mas isto não é possível, sem termos modelos autêntico para seguirmos seus passos.

[14] COLEMAN, Robert. Plano mestre de evangelismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 103.

3) Promovendo acompanhamento e avaliação constante da maturidade do discípulo, tendo em vista a reprodução de uma liderança sadia, no contexto da igreja local.

Adotar um material didático adequado para facilitar a interação e o aprendizado

Com efeito, o discipulado não é um programa. Não é uma série de módulos. Não é um livro. Não é um encontro semanal. Não é um novo sistema de cultos nos lares. Discipulado é, essencialmente, uma relação de ajuda que se reproduz. Todavia, o discipulado pode, sim, incluir um programa, módulos, livros, encontros semanais nos lares. Mas isso não é essencial!

No discipulado de liderança, trabalhamos com um sistema de módulos de dois meses cada. Cada módulo contém oito capítulos, sendo um capítulo por encontro. Mas este material didático deve ser encarado como uma ferramenta facilitadora, e não como foco principal nos encontros. A coisa principal são as vidas das pessoas, os encontros transformadores.

No que diz respeito ao material, o Ed Renê dá o seguinte testemunho:

Onde está Deus? Esta foi a pergunta que orientou nosso pri - meiro encontro.Após estudarmos juntos alguns textos bíblicos, chegamos a conclusão de que Deus hoje está nas pessoas que estão em Cristo. Isto é, Deus está na igreja, o corpo vivo de Cristo. Se desejamos experimentar hoje a presença de Deus devemos entrar em contato com as pessoas que pertencem a ele.[16]

O material didático a ser utilizado no discipulado deve estar norteado por conceitos transferíveis, onde o ensino flua de forma tão simples que possa ser facilmente lembrado, usado e transmitido às pessoas, como está escrito em 2 Timóteo 2.2. Ou seja: o ensino bíblico no contexto do discipulado deve ser participativo, informal, básico e pessoal.

Além de bíblico, o conteúdo didático precisa estar conectado (contextualizado) com o mundo real das pessoas, de forma prática e vivencial, trazendo novas formas de expressão, que provoca novas ações na vida cotidiana do discípulo. Assim, quem discipula não se sentirá "forçado" a convencer o discípulo de suas próprias opiniões ou ficar dependente de seus argumentos pessoais. Aliás, a conclusão nunca pode ser a opinião de "A" ou "B", mas sim "o que a Bíblia diz".

[16] KIVITZ, Ed Rene. Koinonia. São Paulo: Abba Press, 1994, p. 18.

Ou seja, o conteúdo não pode ser um obstáculo à aplicação das verdades bíblicas à vida dos discípulos nem tampouco "exigir" que quem discipula seja um perito na Bíblia, mas que o fluxo do ensino (observação, interpretação e aplicação), seja algo natural, de forma que facilite a participação do discípulo e discípula, para que se possa relacionar o que aprendeu à vida.

O objetivo do conteúdo didático, na prática do discipulado, consiste em:

1) transmitir verdades bíblicas, tendo uma boa fundamentação teológica, o texto sendo analisado de forma simples e profunda;
2) encorajar a troca de experiências, com conteúdo contextualizado, dinâmico e conectado com o mundo real das pessoas;
3) transformar a vida, com novas formas de expressão, provocando novas

ações.

Nosso discipulado, portanto, deve incluir um ensino e uma exemplificação de como viver a verdade em nome de Jesus. Numa cultura muito diferente da cristã, não dispomos de nenhum outro meio para manifestar este tipo de vida transformada, semelhante a de cristo. O legado que deixamos na vida e através das pessoas a quem discipulamos será poderoso e duradouro.[17]

Resumindo:

1) O discipulado não é um movimento de uma igreja ou organização; é divino, pois tem estado no coração de Deus desde o princípio.
2) Discipulado não consiste apenas num método, mas numa estratégia de Deus para fazer as coisas.
3) O discipulado é o melhor caminho para construir um estilo de vida que reflita o caráter de Cristo no mundo.
4) No discipulado, multiplicar é preciso. Este é o método ideal para cumprir a tarefa de estender e aprofundar o Reino de Deus na terra.

[17] MACARTHUR, John. Redescobrindo o ministério pastoral. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 371.

Bibliografia sugerida para leitura

BRISCOE, Stuart. Discipulado diário para pessoas comuns. São Paulo: Vida, 1992.
BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. Porto Ale-gre: Sinodal, 1989.
CAMPANHÃ, Josué. Discipulado transformando igrejas. São Paulo: Eclésia, 2002.
CÉSAR, Elben M. Lenz. Não perca Jesus de vista. Varginha, MG: Ultimato, 1997. COLEMAN, Robert. O Plano Mestre de evangelismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
EVANS, Tony. Discipulado espiritual e dinâmico. São Paulo: Vida, 2000.
HARBERMAS, Ronald. O discipulado completo. Rio de Janeiro: Central gospel, 2008.
HENRICHSEN, Walter. Discípulos são feitos, não nascem prontos. São Paulo: Atos, 2002.
JONES, Milton. Discipulado: o ministério da multiplicação. São Paulo: Vida

Cristã, 1996.
KORNFIELD, David. As bases na formação de discipuladores. São Paulo: Sepal, 1994.
MACARTHUR, John. Chaves para o crescimento espiritual. São Paulo: Fiel, 2000.

OGDEN, Greg. Elementos essenciais do discipulado. São Paulo: Vida, 2010.
PETERSEN, Willian. O Discipulado de Timóteo. São Paulo: Vida, 1986.
PHILLIPS, Keith. A formação de um discípulo. São Paulo: Vida, 1990.